

Colonos trocam índios por indigenistas

MAS SÓ DEPOIS QUE O IBAMA ASSINOU UM DOCUMENTO COM DEZ PONTOS, ADMITINDO TODAS AS SUAS EXIGÊNCIAS, QUEIXAS E IMPOSIÇÕES

Depois de quase 48 horas de cativeiro, os 77 índios das tribos Tembé, Kaapor e Timbira mantidos como reféns por colonos de vila Livramento, no município de Garrafão do Norte, foram liberados, no início da tarde de ontem, e imediatamente retornaram às aldeias, onde já havia, segundo informações chegadas à vila, um intenso movimento para libertá-los.

Três funcionários da Fundação Nacional do Índio foram retidos no lugar dos índios, entretanto, até que um representante do Ibama assinasse um documento de dez pontos resumindo as reivindicações, imposições e queixas dos colonos, e que foi levado para Belém, onde seria referendado pelo Ibama. A escaramuça, que acabou em cárcere privado para os índios, foi causada pela liberação quase imediata de caminhões carregados de madeira, que haviam sido apreendidos por fiscais. Isso deixou revoltada a comunidade indígena.

Para se chegar a uma solução do impasse, criado quando os índios internizaram a vida dos moradores de Livramento, na tarde da última quarta-feira, e acabaram virando reféns, foram consumidas horas de negociações entre representantes dos agricultores, da Funai, do Ibama, do Ministério Público e da Fetagri. Vários políticos também participaram da reunião, com o intuito evidente de tirar proveito eleitoral. A confusão agitou vila Livramento, paralisando todas as atividades normais do lugar.

Na quinta-feira surgiram cerca de cinco propostas para pôr fim à delicada situação. Uma delas até incluía a ida dos colonos a Brasília, para negociar o problema diretamente com os presidentes do Ibama, da Funai e do Inera, os órgãos diretamente envolvidos na questão. Os colonos moram há mais de 30

anos dentro da reserva indígena Alto Rio Guamá e vivem em constantes conflitos com as tribos donas da área, mesma situação existente entre eles e os madeireiros.

"O governo federal é o responsável pelo problema entre colonos e índios, já que ele vem adiando por décadas uma solução para a questão", afirma o primeiro dos dez pontos do documento. Referendado pelo tenente-coronel Ailton, da PM, e pelos delegado Anderson Ruy e Héitor Pinto, respectivamente das polícias Federal e Civil, outros pontos do documento exigem a realização de uma reunião na próxima quarta-feira, na sede da Funai de Belém, o comprometimento dos índios de nunca mais irem a vila Livramento, indenização, pela Funai, dos prejuízos provocados pelos índios, e a agilização das medidas

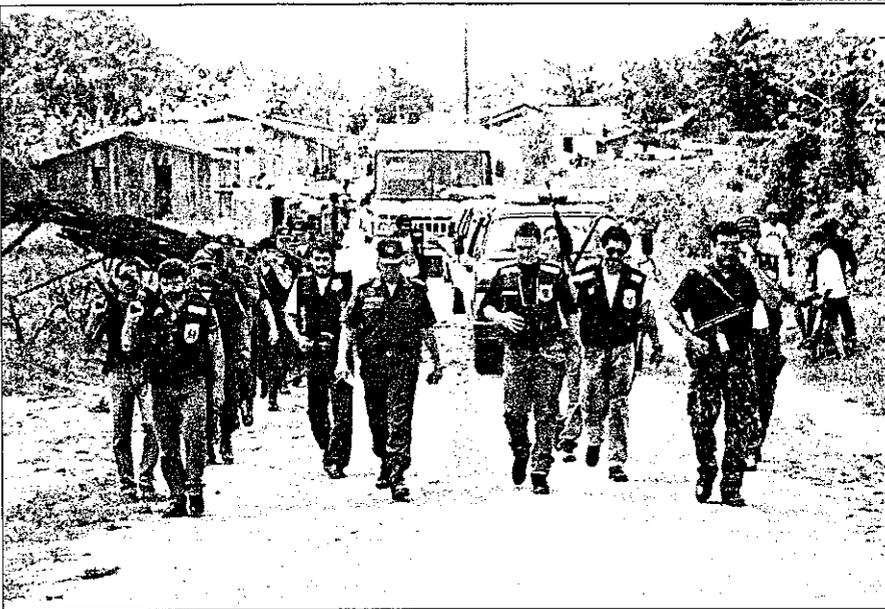
necessárias para que os colonos possam ter em mãos os títulos definitivos de suas áreas, todas dentro dos limites da reserva indígena.

TENSÃO - Antes da divulgação das exigências e reivindicações dos colonos de vila Livramento, a demora da esperada solução que proporcionasse a libertação dos reféns criou um clima de expectativa. Por volta das 11 horas, o delegado Anderson Ruy disse ao promotor Arnaldo Azevedo que seria dada apenas mais uma hora para que as pessoas reunidas decidissem que rumo seria tomado. Ao meio-dia veio a resposta: o documento estava pronto e os índios seriam libertados, ficando os três funcionários da Funai em seu lugar.

Algum tempo depois os colonos consertaram uma das duas pontes que eles mesmos haviam destruído para impedir a saída dos índios, depois de consumarem a baderna na vila, e um ônibus levou todos eles para Capitão Poço, de onde seguiram para suas aldeias.



Regina, uma das pessoas mantidas como refém



Policiais federais e civis protegem o ônibus no qual os índios foram retirados da vila e do cativeiro

FOTOS PAULO AMORIM

Suposto líder cerceia repórteres

Os jornalistas que foram até livramento fazer a cobertura do episódio envolvendo índios e colonos tiveram seu trabalho cerceado por uma das lideranças da localidade. Por não ter sido citado na notícia divulgada no Jornal Nacional, da Rede Globo, na noite da última quinta-feira, Humberto Alencar, o Paraíba, resolveu jogar a população de livramento contra as equipes de reportagem. "Vocês vão pagar pelo que o Globo fez comigo", afirmava Paraíba aos jornalistas.

Completamente irado, ele disse que não se importava com o que a imprensa parense dizia sobre o caso. "Só o que a imprensa nacional e internacional fala me interessa e você (falando ao repórter Salomão Mendes, da TV Liberal) não divulgou para a Globo o que eu tinha falado ontem", estrebetejava. Segundo um dos funcionários da Funai, Paraíba é tido como doido no vilarejo, onde domina muita gente na base de ameaças ou surdas manobras. Esse mesmo funcionário, disse que Humberto Alencar vem adquirindo, na base da pressão, dezenas de sítios dos colonos da região, já tendo conseguido, com isso, formar um considerável patrimônio. "Ele já é o segundo Mejer Kabaznick da região", afirma esse mesmo funcionário, referindo-se ao polonês que invadiu significativa parte da reserva Alto Rio Guamá, onde já abriu uma estrada de vários quilômetros de extensão. Para completar sua alucinada luta para ser destaque na imprensa, Paraíba resolveu impedir o registro fotográfico da saída dos índios do cativeiro. "É besteira tu brigares com a imprensa", alertava-o o tenente-coronel PM Ailton. "Ou eles dizem o que quero ou eu não deixo eles trabalharem", respondeu Paraíba.

VIDE - VERSO

POTIGUARA DEFENDE A POSIÇÃO DOS ÍNDIOS

"É preciso também que saibamos aprender com a derrota. Os índios cometeram o equívoco de fazerem a baderna em Livramento, mas valeu a pena porque ficou claro que o problema está aí há décadas, e o governo federal nunca se interessou em resolvê-lo. Eu e os índios saímos de cabeça erguida desse episódio". A afirmação é do indigenista Francisco Potiguara, que estava com os Tembê, Kaapor e Timbira no momento em que começou a arruaça.

Cansado, como os companheiros de perigosa aventura, Potiguara negou que os índios tenham roubado ou agredido algum dos moradores. "Mesmo que isso tivesse acontecido, eu estaria do lado deles, seria uma obrigação", disse. Ele acredita que o episódio deve forçar uma solução mais rápida para o problema da reserva do Alto Rio Guamá, assim como tem quase certeza de que será "o boi de piranha" da Funai.

Sobre o que aconteceu na quarta-feira, 20, Potiguara lembrou que o momento mais difícil foi a noite que todos passaram no "cubículo que chamam de delegacia". Os reféns

foram instigados horas seguidas pelos moradores da vila. Eram pontas de facas varando as brechas das janelas, restos de urina e fezes jogados pelas aberturas de ventilação, e centenas de ameaças de morte. "Eu pensei que ia morrer de verde e amarelo", disse o indigenista.

VINGANÇA - Um dos líderes indígenas, o cacique Muxi, garante que o grande culpado pelo que ocorreu foi o Ibama, "que está do lado dos madeireiros, contra os índios". "Por isso que nossa reserva fica a cada ano mais devastada", desabafou. Embora acredite que, nas reuniões programadas para discutir uma solução, algo de positivo seja definido, Muxi garante que não está descartada uma espécie de vingança pelo que ele e seus irmãos de sangue passaram. "Nós não podia nem urinar fora do galpão, que o povo queria pegar a gente pra matar. Nós não vamos mais perturbar os colonos, mas se encontrarmos algum madeireiro dentro da nossa reserva, pode ter certeza de que ele vai ficar preso no mato por muitos dias", prometeu Muxi.



Colonos consertam a ponte que eles mesmos destruíram para impedir a passagem dos índios revoltados



Cansados e arrependidos, os índios deixam o cativo, depois de 48 horas, em direção a Capitão Poço